

COMPRIMIDO III

Diria o Ricardo Reis

Em nós tudo acabará
Num nó onde quebraremos.
No silêncio,
Onde afogaremos tudo o que está para trás
E seremos afogados na distância.

Saibamos acabar,
Cumpramos as estações que despertam
Na possibilidade dos dedos.
E quando acabarmos,
Abramos as mãos
E que nenhum por fazer delas role.

Saibamos não legar perante a morte
À nossa curta vida
As feições da culpa

COMPRIMIDO IV

Ao teu lado, mudo.
Suponho que pousei a mão
No teu ombro, não sei,
Ausentes ambos,
Tu do ombro, eu da mão.
Lá fora, não muito longe
Do vidro, a manhã passa
E é calma, tristeza, fim.

Não se cansa o ramo
Pese embora tanta neve -
Assim o amor por ti

COMPRIMIDO II



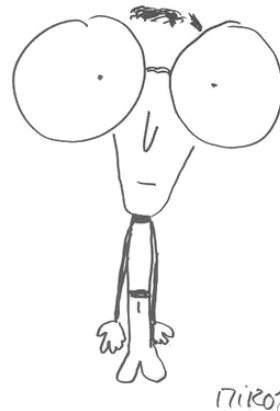
Nuno Rocha Morais
(Porto, 1973 – Luxemburgo, 2008) foi um poeta português. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da

Universidade do Porto em 1995. Aos 19 anos iniciou a vida activa na área do jornalismo no *Comércio do Porto*. Em 1999 passou a integrar a equipa de tradutores da Comissão Europeia, no Luxemburgo. *Últimos Poemas* – título que, ironicamente, desde os 20 anos, ainda estudante, elegeu como o título da primeira obra a editar – foi o livro que quis deixar organizado e foi publicado pela Quasi Edições, em 2009. Em Abril de 2016 as Edições Simplesmente editaram o livro *Galeria* dando continuidade ao vasto espólio literário que deixou.

COMPRIMIDO I

Dezembro 2018
Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO V

Têm chovido muitas palavras.
Por favor, não é uma metáfora.
Têm realmente chovido muitas palavras,
O chão está juncado delas,
Pendem das árvores, jazem nos
[parapeitos...
A fidelidade, a constância, poderiam
[tornar-nos perfeitos.
Há palavras que me levam contigo,
A que não voltarei, em que não voltarei.
Não as deveria talvez ter dito,
Muitas, estou certo, não as disse
Mas agora são tuas tantas dessas palavras
Que vão chovendo agora e agora
E não tenho palavras onde me abrigar.

COMPRIMIDO VI

Pela poesia hei-de,
Não calar-me,
Mas dizer tudo por alheios lábios.
Direi tudo
E tudo me será perdoado,
Porque, embora seja culpado
Não sou o gesto de o ser.

BRINQUEI, PELA CALADA, EM SÍTIOS PROIBIDOS

Brinquei, pela calada, em sítios proibidos -
Na eira, no coradouro, perto das orquídeas.
Na eira, quando o milho era ouro,
Perto das orquídeas, flores difíceis e petulantes,
No coradouro, quando a roupa branca
Secava à brandura do ar,
Que depois se estendia ao corpo.
E então tínhamos, eu e os meus primos, o perfume dos anjos,
Como nos chamavam, com a desrazão do amor,
Avós e tias. Mas os anjos,
Se outros há para além da nossa melhor natureza,
Brincam em sítios proibidos,
Como nós no coradouro,
Onde também jaziam os ossos de cães amados,
Tentam atravessar a pé o pousio das águas,
Sem saberem que o rio pode ser
Um mal tranquilo, não menos predador.
Apenas sofrem de nódoas negras sem metafísica

E de um leve tremor da primeira sombra sexuada.
Em breve começamos a roubar fruta e beijos,
brincando sempre à socapa em sítios proibidos,
mas incapazes de conter o alvoroço-
Então avós e tias chamavam-nos
Demónios, diabretes, mafarricos.
A infância começava a ser uma impostura,
Não sabíamos ainda, não ainda,
Que já tínhamos sido expulsos do paraíso.

Comprimidos Literários de Nuno Rocha Morais (seleção de Elisabete Morais) e Autorretrato

Títular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportu.pt

Edição # 69, aprovada na cidade do Porto, Portugal, no dia 30 de novembro de 2018

Edição de Paulo Moreira Lopes